

A construção do pedilúvio pode ser feita com tijolos maciços rejuntados e revestidos com areia, cimento ou concreto. A passagem do rebanho pelo pedilúvio de forma preventiva deve ser realizada uma vez por semana, sendo que os animais infectados deverão passar por último e serem deslocados para um piquete enfermária, realizando mais 3 (três) passagens pelo pedilúvio, no intervalo de uma semana. Nestes casos em que a solução antisséptica deva ficar mais tempo para o tratamento de animais, deve-se ficar atento para evitar a evaporação da água e a consequente concentração da formalina, que pode causar uma reação inflamatória na coroa do casco.

A utilização de vacinas tem sido bastante útil na prevenção da podridão dos cascos. As vacinas que apresentam um veículo oleoso devem ser aplicadas por via intramuscular, na região da tábua do pescoço, e podem ser utilizadas em animais a partir do 3o mês de idade, de forma anual, sendo que os animais que receberam a primeira vacinação devem receber um reforço após 30 dias.

Bibliografia Consultada

BLOOD, D. C., HENDERSON, J. A., RADOSTIS. Clínica Veterinária. 5A ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1983. 1121p.

FRAZER, A., STAMP, J. T. Ganado ovino : Producción y enfermedades. Madrid : Mundi_prensa, 1989, 358p.

ROSA, J. S. Enfermidades em caprinos : Diagnóstico, patogenia, terapêutica e controle. EMBRAPA – CNPC, Brasília, 1996, 220p.



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Ministério da Agricultura e do Abastecimento

INFORMAÇÕES:

Centro de Pesquisa Agroflorestal de Roraima
Rodovia Br-174, km 8 - Distrito Industrial
Telefax: (95) 3626 71 25
Cx. Postal 133 - CEP. 69.301-970
Boa Vista - Roraima- Brasil
sac@cpafrr.embrapa.br

Visite o site:

<http://www.cpafr.embrapa.br>

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS

Paulo Sergio Ribeiro de Mattos
Ramayana Menezes Braga
Amaury Burlamaqui Bendaham

Folder nº 06/2007

Setembro2007

Tiragem 00 exemplares

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,
PECUÁRIA E ABASTECIMENTO



Podridão dos cascos em ovinos e
2007 FD-S2007.167



CPAF-RR-7096-1

Podridão dos Cascos em Ovinos e Caprinos



S2007.167

Embrapa
Roraima

Introdução

A podridão dos cascos é uma doença que atinge além dos cascos, a pele entre as unhas (epiderme interdigital), sendo causada por uma associação de, no mínimo, duas bactérias: *Dichelobacter nodosus* e *Fusobacterium necrophorum*.

A condição climática é o principal fator que predispõe ao aparecimento da doença, notadamente nas épocas de chuvas intensas e associadas ao clima quente, em locais onde as pastagens ficam alagadas e maldrenadas.

Os primeiros sintomas da doença são o aumento de volume (inchaço) e umedecimento da pele no espaço entre as unhas e, na medida que o processo se agrava, sobrevem a dor ao pisar, fazendo com que o animal comece a arrastar o membro e a “mancar”. A região começa a apresentar uma ferida com cheiro fétido. Se mais de um membro estiver atingido, o animal pode andar de joelhos ou ficar deitado, deixando assim de se alimentar.

Em alguns casos a doença não evolue para formas graves, sendo observado apenas uma inflamação da pele entre as unhas, denominada de “dermatite interdigital”, que desaparece espontaneamente com a chegada da seca. A persistência da doença, mesmo em sua forma mais benigna, pode levar a baixo rendimento do animal, uma vez que ovinos e caprinos com cascos deformados apresentam anomalias de postura e dificuldades de locomoção, reduzindo significativamente o ganho de peso corpóreo e de produção de leite.

A doença pode ser introduzida na propriedade por animais que tiverem as bactérias, e que não obrigatoriamente

desenvolvem a doença, sendo chamados assim de “portadores assintomáticos”. A infecção também pode ser veiculada por caminhões de transporte ou estrada recentemente utilizada por animais doentes. Desta forma, é comum o aparecimento da doença em rebanhos que nunca tiveram animais doentes.

Tratamento

O tratamento local apresenta bons resultados, com a retirada do tecido doente, seguida de lavagem com escova e desinfetante. Pode-se usar solução de iodo a 10% ou de formalina a 5 %, sendo que na época chuvosa, deve-se deixar os animais confinados por 24 horas após o tratamento. Em casos graves deve ser realizada a aplicação sistêmica de antibióticos a base de penicilina e estreptomicina.

Os animais doentes devem ser apartados dos sadios e após o tratamento, o aprisco deve passar por uma desinfecção pelo fogo (vassoura de fogo). Como as bactérias causadoras não sobrevivem nas pastagens por um período superior a 2 semanas, é necessário deixar o pasto contaminado sem animais por este período, antes de serem pastejados por animais sadios ou em recuperação.

Prevenção

Para a prevenção desta enfermidade é importante detectar a manqueira de forma precoce, sendo imprescindível a observação diária pelo tratador quanto a ocorrência dos sintomas. Os cascos devem ser aparados no mínimo uma vez por ano, com revisão a cada seis meses, principalmente no período

chuvoso. Para o casqueamento utiliza-se uma tesoura específica ou uma cizalha para a retirada do excesso de casco, iniciando os corte na parte anterior da unha circundando a cora do casco e prosseguindo até a parte posterior (figura abaixo). Com o auxílio de um canivete ou de uma rineta (tipo de faca com curvatura na ponta), remove-se o excesso de casco entre as unhas até que se forme um espaço entre as mesmas. Para o arredondamento da coroa e o nivelamento da sola, pode-se utilizar uma lima ou groza. Após o casqueamento os cascos devem ser tratados com as soluções citadas para o tratamento da manqueira, como medida preventiva. Nas regiões onde o clima é desfavorável (quente e úmido), onde a drenagem das pastagens é deficiente e que apresentam a recidiva da doença, um pedilúvio ou lava-pés deve ser construído em um ponto de passagem diária dos animais. O pedilúvio é um pequeno tanque que contém soluções antissépticas de formalina a 5% ou de sulfato de cobre a 5%, com a altura suficiente para quando o animal passar, tenha o seu casco totalmente coberto pela solução.



Casqueamento